

Os banqueiros confiam

GAZETA MERCANTIL

30 JUN 1981

por Celso Pinto
de São Paulo

Economia - Brasil

Otimismo com os efeitos da abertura política, cautela com o quadro econômico e uma decisiva aposta no futuro do País. É este o quadro revelado por uma pesquisa feita junto a 49 banqueiros estrangeiros nos Estados Unidos, na Europa e no Canadá pela revista *Balanço Financeiro* que circula hoje, juntamente com este jornal.

As respostas ao questionário de dezenove perguntas enviado a 482 banqueiros fornecem algumas pistas importantes sobre o ânimo da comunidade financeira internacional em relação ao Brasil. Mais da metade dos 49 banqueiros cujas respostas foram consideradas na pesquisa está convencida de que o projeto de abertura política tem contribuído para a solução dos problemas econômicos e sociais brasileiros — não obstante ter liberalizado, parcialmente, a atividade sindical e a política salarial. Apenas 28,5% das respostas indicaram a alternativa oposta.

Esse resultado representa, de certa forma, uma reavaliação dos efeitos da abertura política. Uma pesquisa semelhante, realizada pela revista no final de 1979, mostrava que oito em cada dez banqueiros imaginavam que a abertura prejudicava o combate à inflação e a estabilidade econômica.

A economia mereceu maior dose de cautela por parte dos banqueiros, mas, na maioria dos casos, não chegou a indicar uma situação de extremo pessimismo. As duas questões que envolviam uma eventual ida do Brasil ao Fundo Monetário Internacional constituem um bom exemplo: a maioria afirmou que uma decisão neste sentido seria "importante, mas não indispensável", e que teria uma importância apenas "relativa" para manter a credibilidade do País junto a seus credores.

Da mesma forma, a dívida externa foi classificada como "elevada, mas não demasiada", exigindo um nível de empréstimos "elevado" para financiá-la. A relação atual entre o nível de exportações e a dívida

bruta foi considerada como "elevada, mas não demasiada", embora a comparação entre a dívida e seu serviço fosse avaliada como "perigosamente elevada". Os banqueiros assinalaram que o papel dos bancos privados como fornecedores de recursos ao Brasil "está perto ou muito perto do limite".

Não resta dúvida de que os banqueiros aprovaram a mudança de rota impressa pelo ministro do Planejamento, Delfim Netto, na política econômica a partir do final do ano passado. Do total, 39% considerou correta a receita austera do ministro, e outros 33% gostariam de que ela fosse ainda mais ortodoxa.

A pesquisa propôs-se a analisar algumas questões centrais que envolvem o relacionamento do País com o capital externo. Alguns resultados são surpreendentes. Alega-se com frequência, por exemplo, que uma das alternativas possíveis para superar os impasses criados pelo volume da dívida externa seria dar maior liberdade de atuação aos bancos estrangeiros no Brasil. A ideia é que a vinda dos bancos poderia significar não só maior disponibilidade de créditos externos como também substanciais investimentos por parte destas instituições. De fato, 38,8% dos banqueiros consultados concordam com este raciocínio, mas outros 26,6% discordam totalmente.

De forma similar, argumenta-se que o tratamento fiscal mais rigoroso aplicado às remessas de lucros, se comparado à legislação que regula a remessa de juros, tem feito com que as empresas estrangeiras prefiram contratar empréstimos a aumentar seus in-

vestimentos de risco. Para 40,8% dos banqueiros, uma eventual equiparação fiscal das remessas de lucros e juros poderia, de fato, elevar o fluxo de investimentos diretos, aliviando o balanço de pagamentos. No entanto, outros 42,9% das respostas optaram pela alternativa contrária.

O cenário internacional, até o final do ano, de acordo com a maioria das respostas, deverá revelar uma liquidez mais folgada no ecomercado (se comparada com a do ano passado), taxas de juros menores (embora boa parte dos banqueiros acredite ainda num aumento), maior grau de protecionismo por parte dos países desenvolvidos e um "spread" estável para o Brasil (o que significa, de toda forma, níveis muito superiores aos cobrados de outros países subdesenvolvidos).

Apesar de todos os problemas, os banqueiros apostam decisivamente no Brasil: 85,7% das respostas afirmaram que o País continua sendo bom risco para os investimentos estrangeiros.